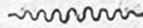


# REVISTA MENSAL

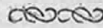
DA

# SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO



2.º ANNO, JUNHO DE 1869. N.º 1.



PORTO ALEGRE.



TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO.



1869.

## COMMISSÃO DE REDACÇÃO.

Vasco de Araujo e Silva.  
Appollinario Porto Alegre.  
José Bernardino dos Santos.  
Aurelio V. de Bittencourt.  
Nicolau Vicente Pereira.  
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

## REDACTOR DE MEZ

Hilario Ribeiro de A. e Silva.



O Parthenon vive.

Em 18 de Junho completou um anno; um anno de existencia durante o qual se não fôra a energia dos operarios, elle teria baqueado, como a sapucarlima que o raio desfaz.

Elle vive, porque a mocidade velava, tinha fé em seus labores, como esse Affonso Domingues da lenda portugueza sentado sob as arcarias e abobadas do mosteiro da batalha; porque a mocidade estava firme em seu posto de honra, como esse fiel Eckart dos céos glaciaes da mystica Germania.

Foi insano labutar, no periodo em que o sol perbustou doze signos !

Cada vez que disputou uma palma nos certames da intelligencia ou a alcançava ou ao menos tinha o applauzo e os victores dos que assistião ao magestoso spectaculo da geração que não trepida ante a procella que lhe obumbra os horisontes; porquanto confia em seus esforços, crê no futuro e traz a robusteza das convicções no sacrario d'alma, no gesto que desata e na palavra que o labio pronuncia.

Teve a combater os preconceitos, a indiferença de uns e a hostilidade de outros; mas isso era natural, assim é o desenvolvimento de cada ideia, de cada phenomeno, de cada facto, quer no dominio do cosmos, quer no dominio do espirito.

A phalena de azas esplendidas e furtacôres antes de deslaçar o vôo nos espaços de luz passa por varia e cruel transsubstanciação no óvulo, na larva e na chrysalida; antes de respirar a athmosphera limpida dos céos, rasteja nas gramineas do chão.

O Parthenon fez alguma coisa no anno que passou, mas resta inda muito a fazer, muito...

A provincia do Rio Grande tem uma mineração virgem que mão alguma tentou explorar com profundeza.

Sua natureza é inspiradora, mórmente nas margens do Guayba, onde as collinas de contôrnos e linhas suavemente accentuadas recortão os horisontes banhando o sopé nas aguas diaphanas da bacia em que a cidade de Porto Alegre se espelha com louçania.

Sua historia tem periodos diversos que se adaptão a diversos generos litterarios : o periodo mythologico e primitivo encerrado nos tempos em que as tribus de guarany, minuano e tapes vagueavão pelas cochilhas e cordilheiras; o periodo heroico que pôde começar na conquista, da fundação das missões jesuiticas, quando o pendão das quinas disputava geira por geira o territorio actual com perda de precioso sangue; e afinal o periodo da emancipação nacional em que se acha encravado um decennio de guerras civis, cujas paginas brilhantes de heroismo e gloria honrão tanto ás duas parcialidades que disputavão o poder.

Além d'essas épocas ha outros recursos para o desenvolvimento de uma litteratura, como as lendas que aqui abundão e os costumes peculiares aos rio-grandenses.

Ahi ha riqueza de materia e magnitude de assumptos como o que deu o poema : Uruguay de Basilio da Gama e o drama lyrico : Lindoya do Dr. França. A poesia em suas multiplas faces pode, explorando-as com devido cuidado e observação, ostentar-se invejavel pelos seus primores, e perfume de originalidade.

O Rio Grande pôde ter uma litteratura sua, eis a questão; o Parthenon trabalhará por trazel-a á tela da vida, e se o não conseguir ao menos restar-lhe-ha o consolo dos tentames.

Compreenda-se melhor a pureza de nossas intenções, o firme proposito em que estamos, auxiliem-nos na vereda que encetamos; e teremoss sempre á ponta do labio esta diviza :

Away ! Away !

**Discurso pronunciado pelo Exm. Sr. Dr. José Antonio do Valle Caldre e Fião, presidente honorario, na sessão magna de 19 do corrente.**

Celébra hoje o Parthenon o seu anniversario, vai fechar no tempo o seu primeiro luminoso cyclo, prenuncio de uma aurora feliz, que precederá o seu dia de triumpho.

Brilhante pleiade de uma mocidade, que justifica as pretensões que tivemos, que terá tambem, aqui reunida diz bem alto que a invicta cidade, que a *leal e valerosa Princesa* que voluptuosamente se recosta por sobre as *coxilhas* e mira-se garbosa nas aguas argenteas e placidas do possante e futuroso Guahyba, é o ninho das grandes, das elevadas idéas.

Em seus primeiros ensaios, ainda por entre as sombras da duvida, o Parthenon traçou um marco que importa um grande pensamento. Elle instituiu as *aulas nocturnas*, em que a instrucção vai ser dada aos pouco favorecidos da fortuna, aos que, tendo de dár ao trabalho as horas do aflanso dia, desejão sacrificar utilmente o seu descanso ao devido cultivo de sua intelligencia.

Sempre feliz na escolha de suas theses, o Parthenon occupa-se ora da questão humanitaria mais importante — a liberdade do homem —, e sua voz unanime é um brado sincero em favor d'esse dom com que o Creador, em sua infinita misericordia, gratificou a obra mais perfeita de suas mãos. A manumissão, disse ella quasi como a sua ultima palavra — e que os brasileiros para quem a pureza de suas instituições é o mais querido voto, não sejam os ultimos na cruzada da redempção humana.

Avido de futuro o Parthenon entra n'uma nova phase e sem deslumbrar-se ante a limpidez dos horisontes de gloria que o esperão, vendo voltigar-lhe em torno os bons desejos de saus numerosos membros, continuará a prestar a esta boa terra os seus serviços. E' bem provavel que no meio de suas sessões se despertem muitas idéas e que mais de uma aptidão se manifeste que possa ser felizmente utilizada.

No entusiasmo e sinceridade dos primeiros annos, quando a intelligencia desabrocha em toda a sua candidez, como o mimoso botão da aromatica rosa, é que mais se enebrião as almas no perfume das sãs verdades, d'aquellas que, de simples intenção, perpassão desvirtuadas nos corações scepticos já profanados pelos tufões do mundo — é então e n'uma convivencia quasi intima, que se tem a fé que fortifica e a esperança que nos alira robustos na carreira da vida, e nos faz crer na liberdade, no progresso, na grandesa da intelligencia humana, que comprehendemos a sociedade marchando para o seu fim tendo por lábaro as verdades reveladas pelo Divino Guia que se ergueu bem alto nas summidades de Jerusalém.

Seja, pois, o Parthenon o que foi a Bethlem do propheta — pequena entre as demais de Israel deveria salhir d'ella o que havia de salvar e reconstruir o povo —; discutindo, instruindo e congregando os homens de letras seja d'elle que surja o necessario triumpho da intelligencia sobre os erros da ignorancia.

Sala das sessões do Parthenon Litterario aos 19 de Junho de 1869.



# OS PALMARES.

POR

APPOLLINARIO PORTO ALEGRE.



## III QUADRO.

*Ultimos acontecimentos.*

Era já noite fechada.

Esse chronometro que se chama céo, onde o campoez lê a marcha do tempo no movimento de cada estrella, como nos mostradores do invento de Pedro Hele, marcava dez horas.

A' noite descera bella, como sôem ser todas as noites sob a zona do equador, esplendida e luxuriosa como a natureza brasileira adornada então no manto esmeraldino da folhagem.

Carrilho com sua gente havia-se apossado de Subupira. O exercito festejava a victoria com arruidos e folgares que esmorecião os murmures merencorios do deserto. Mas apesar do contentamento geral as portas do mocambo estavam bem guardadas, e o grito da sentinella perdida de vez em quando soava ao longe, vibrando sinistro na solidão da noite, e esvaecendo-se no silencio dos campos.

Carrilho não era chefe que fechasse o ouvido aos conselhos de prudencia; mormente quando conhecia a bizzarria e estratégia dos africanos.

Elle não conhecia a historia de Archilas, mas previdente não reclinava a fronte nos coxins do olvido, corria ao contrario d'um ponto a outro da praça vigilante sempre.

Quem o visse julgal-o-hia impassivel, sua presença era impermeavel ao olhar mais affeito á observação; comtudo aninhava então no âmago do peito um mar de ancedade. Esperava Pero Lopes.

N'uma das casas do povoado estava odois phisicos e seus ajudantes os feridos e a figura pallida e macilenta d'um jesuita; no centro da sala havia uma tôsea meza, sobre a qual ostentavão-se á luz de pallida candeia: fortes tenazes, machadinhas de amputação, longas thesouras, cauterios, bisturis, fios de linho, chumaços e ataduras.

Vimos como Roberio Magalhães fôra desarmado e ferido. Uma bala lhe quebrara o corpo, esfarpando de tal modo o braço até o cotovelo que era mister cercal-o.

Foi resolvida pois a amputação depois de curada a ferida da espada de Muéra que era sem gravidade.

Roberio calmo apesar de indisiveis dores, sujeitou se á operação.

Antes de começarem-n'a tratemos dos dois physicos, extremos que se locavão, antihienaliente em todos os pontos de comparação.

Um era Antonio que já conhecemos, o outro um portuguez que na pia baptismal recebera o campanudonome de Rolando, porém, no exercito, desapparecia sob o alcunha de—Caronte. Caronte! Verdadeiro barqueiro do outro mundo destruiria toda a humanidade, se tivesse de cural a!

Para felicidade do mundo e dos povos não havia por esse bom tempo—as dynamisações mysteriosas de Hahneman, os elixires de Cagliostro, os milagres de Mesmer e da hydropathia, as myrificas composições universaes de Lamman e Kemp, nem as tão preconisadas maravilhas do novo systema electropathico; mas—um digno emulo de quaesquer d'esses agentes do mal, d'esses mensageiros da morte.—Rolando o curandeiro de Porto-Calvo,—Caronte n'uma viagem de recreio nos ser-tões do Novo-Mundo!

Elle só valia cem batalhas!

Um dia lhe bastava para fazer o que Alexandres e Cesares deixarão de fazer em seculos!

Deixassem n'ò expandir o genio e novo Noé em sua barca boiaria sobre mais luctuoso cataclysmo.

A figura o retulava em pronunciados traços. Era baixo, obezo e rotundo como o tronco da monguba; faces purpuras como uma pitanga que sazona, olhos que se sumião nas inturmescencias dos tecidos adiposos; não tinha testa, mas o que lhe faltava aqui, sobrava na belfã basta e luzidia, onde nadava eterno sorriso cirurgico capaz de aterrorisar a propria morte; Antonio de porte esbelto e alto, olhar penetrante e profundo era o mais vivo contraste de seu companheiro.

Um era a ultima expressão da alimaria tosea e alvar, o outro o modelo oriental da belleza plastica animada pelo raio da intelligencia.

Então os extremos repellião-se na discussão animada que os arrastava.

Antonio ha pouco viera da Europa e trouxera em sua companhia os melhoramentos que Ambrosio Paré, Scultet Valentin havião trazido á cirurgia; por isso sua superioridade, a não ser pelo não vulgar talento, ao menos por este unico facto tornava-se manifesta.

Rolando além do engenho pezado e rebelde tinha contra si a praxe, que era a quasi exclusiva sciencia dos desertos americanos.

Assim as feridas de arma de fogo dizia elle com santo entusiasmo e gesto declaratorio:

— Para matar o *veneno da polvora*, frija-se lã em azeite de peixe e colloquem-n'a escaldando na chaga. E' o methodo dos antigos.... não havia outro nas Tabocas e Guararapes.... n'esses dias de gloria para a patria ...

Já se vê que Caronte era retrogrado. perenciaia ao genero dos tardigrados.—

Mas Antonio não pensava assim; por isso contestou a asserção e foi o prefacio da disputa que proseguiu no correr da noite.

Roberio no entanto tem o braço estendido. Antonio separa-lhe as carnes e tomando uma thesoura de gumes acicalados, colloca o osso entre estes, Rolando apodera-se d'um pequeno malho, fere com toda a força de seus musculos.

Um fragmento de orgão cahiu e Roberio despediu um surdo gemido desmaiando.

Agora é que a explosão rebentou furibunda entre os dois campeões de Hypocrates.

O primeiro lido em Paré, queria a ligadura das arterias, o segundo propôz o cauterio e não sei mesmo que cathalogo de adstringentes costumeiros....

— Eu o sei, gritava Rolando.

— O que é que sabe? interrogava o outro.

— Como faço, nem mister se torna que me venhão dizer a mim, ha doze annos tendo pratica....

Antonio interrompeu o, acudindo ao martyr de tal discussão o pobre Roberio :

— Ora ! O que é que sabe; torno a perguntar ? Não ha muito que longa admiração poz em fallar lhe eu no apparelho de Scultet..... Parece impossivel que um physico desconheça tal melhoramento !

— Qual impossivel !.... E bufava, copioso suor jorrando de todos os poros, na difficuldade de encontrar um subterfugio, um meio de escapar á argumentação de seu collega.

— Fique-se, porém, com sua sciencia de herbanario americano, [Sr. Rolando, e com suas facas á prova de braza, que eu me vou com a doutrina dos novos mestres. E continuava em sua tarefa, com o auxilio de um ajudante, em sequer encarar o interlocutor.

— Doutrina dos novos mestres ! Por certo a Judéa os tem de tal jaez ..... Tambem não trepidão em applicar a torto e a direito a seus doentes a carne de porco como excellente..... como bom nutritivo. E limpava assim fallando, fontes de chispas decorrião-lhe dos olhos.

Foi uma allusão.

N'essa época, quasi todos os physicos erão christãos novos que para fazerem crerem sua cordialidade pelo Evangelho, fazião uzo desmesurado do que lhes era prohibido na religião primitiva.

Desdenhoso sorrir avincou o labio de Antonio.

— Quer fallar do animal immundo, como diz a lei judaica ?

Uma coisa saiba, Sr. physico, é que entre judeos a exuberancia de gordura jámais constituiu distincção, como entre certos povos indigenas.

Tambem era uma allusão.

Rolando tornou-se roxo.

Carrilho que apparecera ha pouco nos umbraes da porta, interveio na discussão.

— Hade puxa ! Srs. physicos ! O senado das camaras remunerão-nos para vãs arengas ?

— Nada, acudiu serenamente Antonio, discutiamos á luz da sciencia sobre as propriedades, da enxundia suina.

(Continúa.)



# THESE HISTORICA.

## JOVITA É, OU NÃO UMA HEROINA ?

### PARECER.

A mulher heroína é sem duvida, abaixo de Deus, e depois da mulher mãe e da mulher esposa, a mais sublime palavra que se possa pronunciar sobre a terra. Já-mais na lyra dos ardentes gregos, ou nos rudes cantos dos frios bardos do Norte, se ouvirão sons tão melódiosos, tão suaves accordes, como quando celebravão o valor, n'esse ser tão delicado que só parece criado para o amor. Oh ! como nos arrebatava a magia d'essa expressão tão doce e ao mesmo tempo tão grandiosa ! A mulher heroína ! Oh ! como pela união d'essas duas palavras que parecem extremos a tocarem-se, o supremo architecto da natureza, nos faz comprehender a mulher em toda a pompa da verdade ! . . .

A mulher heroína ! Que estranho mysterio . . . n'esta creatura tão fragil, tudo quanto é bello, tudo quanto é grande . . . ternura e valor ! Que excelsa magestade ! que ar de triumpho não ostenta ella ainda mesmo no infortunio, e arcando muitas vezes ao peso de grilhões insupportaveis no mesquinho estado de escrava, a que o homem a tem sempre reduzido, em recompensa de seus carinhos !

Correi o extenso véo, que sobre o codigo da legislação do mundo, em todos os tempos e de todos os povos, e lêde o livro da mulher. Onde ahí encontrar a segunda d'essas duas metades que, sendo pelo Senhor separadas, forão por elle mesmo juntas, para formarem um só todo, como fôra Eva de um lado de Adão, para que este a amasse como uma parte de si mesmo ?

Onde ahí reconhecem a companheira, que Deus enviára ao primeiro homem, que accordando de seu somno ao contemplar aquella perfeição, exclama admirado : « Eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne de minha carne ! » Onde achal-a ? N'uma escrava, n'uma martyr ! (1)

Passai por entre os selvagens da America e Oceania, atravessai os desertos da Africa e Asia, chegai á Grecia, á culta Grecia e perguntai o que era a mulher. Vereis em Sparta a fôrma airosa de seu corpo, desfigurada pelos mais violentos exercicios, sua alva pelle denegrida pela vergasta, e mãos impassiveis vendo lhes ser arrancado dos braços o filho querido de suas entranhas para ser precipitado de um rochedo, por inutil á patria ! (Como se só estivesse reservado ás creaturas humanas calar a voz mais intima da natureza, n'aquillo que não é desconhecido do mais feroz animal !)

Ide á soberba cidade dos Cesares, e vereis em seu começo, nas leis que dicta Romulo e que conserva Numa — o marido com o poder de repudiar a mulher e até mesmo de matal-a, sem que esta, nem ao menos, se possa d'elle separar, sob qualquer pretexto, ou allegando os mais justos motivos !



Volvei a ampulheta dos seculos, buscai á luz de nossos dias, e a vereis como antes, sempre serva, sempre victima! — Compradas para o harem dos filhos de Mahomet, como bellos e exquisitos objectos procurados para os muscos; e vendidas pelos discipulos de Christo, nos mercados d'essa altiva Albion que se ufana de suas livres instituições, como trastes já usados que se barateião em leilão!

E não obstante... ella resplandece como uma semi-deusa nos accentos dos antigos vates, como um thesouro de belleza na espada dos paladinos da idade media, e como objecto das maiores finessas e de espirito nos salões modernos.

Despi-vos, porém, das galas da lisonja, transponde o limiar do carcere domestico e observai a mulher esposa: ahi a achareis mergulhada nos mais insignificantes trabalhos, talvez ao lado de um esposo que ama e dos filhos que acarinha; mas sempre oppressa, sempre serva.

E todavia... a mulher é esse conjuncto de virtudes e maravilhas, que não contente em ser a primeira em guiar os nossos vacillantes passos de infante, em ser a nossa educadora, a nossa conselheira fiel na vida, ainda nos offerece suas delicadas mãos para empunhar a lança contra o inimigo em favor de sua cara patria! Então é ella a mulher heroína!

Vêde-a nas paginas sagradas da Biblia, quantas vezes ella sobranceira á todos os perigos, traz a fronte crestada pelo sol abrasador do deserto, animando com suas meigas palavras o povo de Israel, que ia descrever do verdadeiro Deus que lhe promette a terra de Chanaan!

Abri, crucis detractores da mulher, se não quereis profanar com a incredulidade as escripturas santas, abri o livro mestre da historia, onde perscrutais os crimes que lhe imputais, e lêde o nome de Artemisa! Vede-a como em Salamina entre os persas que abatidos tomão a fuga, só esta mulher despresa a morte que a rodeia; e qual onça ferida pelas flexas do caçador retira-se sempre ameaçadora ao abrigo de seu antro, ella disputando palmo a palmo os louros da victoria, só recua ante o impossivel, ufana de sua derrota e fazendo exclamar á Xerxes: — « que os homens se tinham portado como mulheres e as mulheres como homens! »

Vêde como em Carthago essas almas que vós pintais tão fracas, tão incapazes das grandes acções, tão vaidosas de sua belleza, vêde o desdem com que ellas olhão seus mais preciosos attractivos, cortando seus cabellos para fabricarem armas contra o oppressor inimigo! E como se não bastasse em seu cumulo de desespero tão raro exemplo de abnegação e heroismo, vêde a mulher do general que commandava a cidadella, a qual não podendo dissuadi-lo de render se aos romanos, apunhalava seus dous filhos e lança-se nas chammas para não sobreviver á vergonha de sua familia, e ás cinzas do berço de seus avós. Ainda os homens como mulheres e as mulheres como homens.

Vêde mais tarde, Joanna de Montport e Joanna de Blois como se empenhão briosas em pleitearem a causa de seus esposos (que não souberão n'ella mais que succumbir) principalmente Joannã de Montport que, como diz Froissar « Tinha a coragem de homem e o coração de leão. »

Vêde uma singela pastora de Domremy, Joanna d'Arc, se crendo inspirada de uma missão divina em libertar França do estrangeiro, exaltar a coragem de seus concidadãos, e com o estandarte em punho infundir o terror nas fileiras inimigas, que fugião á sua apparição!

Vêde D. Maria Pacheco, como se mostra digna de seu esposo D. Juan de Padilla, defendendo Toledo até a ultima extremidade, contra as forças de Carlos V!

Vêde ainda em Margarida d'Anjou, depois da batalha de Northampton, essa serenidade de animo, essa consolação na adversidade, que caracteriza as almas grandes! Vêde-a separada de seu marido, tendo por inimigos Londres e o parlamento, corre impavida o norte da Inglaterra, reanima seus amigos esmorecidos, alista um exercito ás pressas e logo após uma victoria, triumphã d'esse temivel Warwick para restituir sobre o campo a liberdade á seu pusilanime esposo!

Mais uma vez como em Salamina os homens como mulheres e as mulheres como homens!

Mas se ainda não bastão tão frisantes exemplos para mostrar-vos de quanta sublimidade é susceptível a mulher, vinde, pyrrhonicos, maliciosos vinde convencer-vos de vosso erro e confessar á sombra dos palmares da joven America—vinde admirar Jovita !

Um brado unisono de indignação e de vingança repercutido por todos os angulos do Brasil, chamava ás armas seus filhos, de ha muito adormecidos no molle leito da paz.

Cohortes de bravos corrião pressurozas de todas as provincias do Imperio em desaffronta da honra nacional, a hastear o pavilhão auri-verde nos campos do Paraguay ! Jovita, cujo coração generoso não podia ser insensível ao elevado sentimento do amor da patria, que dominava seus compatriotas cearenses, maldiz em um momento de furor a hora em que não nasceu homem para partilhar com elles as fadigas e glorias de uma campanha; considera depois que a força de seu animo póde superar a fraqueza de seu corpo, corre a apresentar-se ao presidente de sua provincia, pede-lhe para marchar no 1º batalhão de voluntarios que ali se organisava, e consegue-o ao fervor de suas instancias, sendo pelo presidente que lhe soube apreciar o merito, galardoada com as divisas de sargento.

Chegada ao Rio de Janeiro, Jovita é levada á presença do governo imperial que não vendo no patriotismo que a estimula, mais do que uma mascara para seguir algum amante, arranca-lhe as divisas e prohibe-lhe de marchar ainda mesmo como simples soldado !

Eil-a ainda a mulher no seculo XIX como o fôra em todo o tempo, sempre serva, sempre victima !

Eil-a ali a mulher não companheira, mas escrava do homem constangida a abafar em seu coração as mais puras effusões, os mais sinceros transportes da natureza.

Eil-a curvando a fronte perante juizes incapazes de comprehender sua virtude, sendo seus mais indifferentes gestos e palavras interpretadas contra ella; e ouvindo a sentença que lhe lava a infamia, tolher seus mais altivos vôos para a gloria.

Jovita era mulher, e a mulher conscia de sua fraqueza, quando ferida em seu amor proprio—succumbe na lucta, é capaz das mais nobres acções; mas tambem como o homem dos maiores excessos.

Jovita pois entregou-se á prostituição !

Seu peito de virgem não podia conter a violencia de sua dôr e apagar n'elle as chammas desse amor patrio que a devorava; era preciso corromper o corpo para aniquilar a alma... e ella era a mulher despeitada !

« Uma tigre a quem se tira os filhos, uma le ôa ou outro qualquer animal carnivoro, (diz Byron) se offerecem naturalmente como pontos de comparação, se se trata de pintar a desolação das mulheres quando não pôdem obrar conforme sua razão.... Nada mais sublime que sua colera energica, horrivel á vista, mas grandiosa a descrever-se; igual ao Oceano que rodeia uma ilha cingida de rochedos, as paixões profundas que lles chammejão fazem uma tempestade furiosa. »

Jovita procurava apagar nos prazeres sensuaes, os fundos sulcos que os soffrimentos de sua patria e sua dedicação repellida, bavião cavado em seu coração.

O corpo corrupto não conseguiu, porém; por muito tempo supplantar a grandeza de sua alma... ainda havia ali um logar para o amor e ella encontrou um amante.

Este homem, porém, não soube mostrar-se digno de sua paixão, e depois de alguns mezes abandona de novo á perdição, aquella peccadora contricta.

Agua altivola que n'um momento de colera recolhera as azas na amplidão dos ares, se deixando tombar nos paues da terra, para depois se erguer mais soberba ainda a topetar as nuvens, Jovita, não alcançando a gloria ao lado de seus

irmãos, na pejeja, vai no punhal suicida que a traspassa, encontral-a mais sólida, nas aras do amor.

Jovita é uma heroína !

Não forão sómente aquelles cujos altos feitos se exercerão em derramar o sangue de seus semelhantes, os que merecerão a honra d'este nome.

Heroicas forão as Sabinas arremecendo-se no furor da lucta entre os combatentes seus pais e seus esposos, pedindo-lhes, porém, termo a tantos horrores.

Foi heroica Clelia atravessando a nado o Tibre á frente das virgens romanas, por entreas guardas dos inimigos.

Heroína foi Veturia, affrontando a tempera inflexivel de seu filho, para fazel-o desistir do spectaculo das ruinas do seu paiz.

Foi heroica a duqueza de Wurtemberg, que interpretando a permissão de Conrado III, de retirarem-se as mulheres com o que tinham de mais precioso, sahe da cidade conduzindo nos hombros seu muito amado esposo !

Jovita como estas não tira a vida a um inimigo de sua patria;—mas dá a morte a seu proprio corpo, torpe inimigo de sua alma grande, alcançando mais insigne victoria sobre si mesmo. Lucrecia perdida a pudicia tem ainda a bem triste e indecorosa coragem de chamar seu marido á sua presença, para ouvir de seus proprios labios a deshonra de sua familia, antes de reivindicar-a com o punhal que embebe em seu seio !

Jovita é mais nobre, senão mais heroica.

Tendo tido já uma vez a fronte cingida da capella de virgem,—desfolhando-a depois nos vortices da devassidão,—para mais tarde choral-a no sanctuario de um amor casto. Jovita vendo fugir-lhe a ultima illusão da vida, procura nas vascas da morte affastar de seus olhos para não vel-a mais um instante, a esqualida imagem da miseria que de novo ameaça lançal-a ao abysmo da perdição !

Ah ! quem lhe podéra conservar a vida... a existencia tranquilla que a embalára no remanso da paz domestica que unico consolo que ultima esperança da velhice de um pai extremo !

Ah ! que não podesse a voz mysteriosa de um anjo—mostrar-lhe o vacuo das pretensões humanas, desterrando de sua imaginação de joven, a gloria que antevia: atravez do fumo dos combates !

Insensata ! sonhava poder em vida ouvir seu nome nas trombetas da fama, por entre a orchestra dissona do mundo, e accordou subitamente ao som do lúgubre sino vendo cahir com estrondo seu corpo inanimado na noite do sepulchro !

Porto Alegre, 5 de Setembro de 1868.

F. A. Ferreira da Luz.



## E' TARDE.

Disse-te com amor: Eu, Selia, te amo;  
Minha alma n'essa phrase transbordei,  
Meu coração prendeu-se no teu labio,  
Eu a teus pés submisso quiz a lei.

Esperava um luzeiro que aclarasse  
Os abysmos que incauto deparei,  
Eras puro fanal em meu futuro  
Que ancioso de longe desejei.

Eras um lyrio, candido, formoso,  
Em cujo calice—aguas d'um baptismo  
Pensei alegre um dia vir achar...  
Eras a arca em medonho cataclysmo.

Eras um céo nos ermos da existencia,  
Quando n'elles sosinha me guiava,  
Eras benigna estrella que sorria,  
Quando pizei por terra de urze brava.

Eras balsamo a tanto desespero,  
Que o seio me affogava em dissabores,  
Era no teu olhar que doce allivio  
Hontem e hoje busquei por entre dores.

Eu disse palpitante—o labio tremulo:  
Selia, te amo, a teus pés espero a lei...  
Oh! quantas ancias, que tremor nos membros!...  
O que então senti—nem mesmo eu sei!

Tua palavra era um divino verbo,  
Como de Deus creando, erguendo um mundo;  
Descerrava-me o portico de venturas,  
Templos de amor sob céo auri-jucundo.

Esperando esse aresto de teus labios,  
A palavra que alenta e dá-nos vida  
Meseurei em instantes lustros mil  
De agonia e esperanza mal soffrida.

Como se morre então, vive-se, espera-se  
A um grão tão só da areia d'ampulheta!  
Só no momento que de um globo tomba!  
Só n'uma prolação que o labio inceta!

Meu Deus! morri, vivi em crua espera!  
Era meu coração insano mar,  
Volcão o craneo, a cutis toda neve,  
Meu ser todo no olvido foi pairar!

Tu sorriste, mulher, e então disseste:  
« Minha alma nos amores mais não arde;



Que queras, caminheiro?—sou culpada?..  
O mundo enregelou-me, fuge—é tarde!

E' tarde?! murmurei em odio acceso,  
Como os de um louco derramei-lhe olhares,  
Tateei o espaço, quiz fallar, não pude,  
Estatua augusta ergui-me dos pezares.

Uma blasphemia pela mente alou-se  
Contra o Senhor, contra ella, contra a terra..  
Que dôr immensa aquella, e que delirio!..  
E' tarde—foi um raio... a mente encerra.

Matou-me alli as crenças e o futuro, .  
Foi tumba de robusta mocidade...  
E' tarde! ousaste tu dizel-o a mim?!...  
Sim—é tarde—odalisca sem piedade.

Depois achei-me em uma praia gelida...  
Como fui—não o sei... o sabe Deus!  
Acervos de caligem vi nos ares,  
Nas aguas vi acervos d'escarcéos!

Meus cabellos senti mercê dos ventos,  
Que me passavão frios pelo rosto;  
Acordei.... vi um vacuo fundo, immenso,  
— A's raias de sol nado e de sol posto.

No mundo das idéias—no *eu* sublime,  
No mundo da memoria—noite em tudo...  
Reflecti—por um fio demandava,  
E alma, céus e terras.... tudo mudo!

Que tempo assim estive? Perguntei-me  
Não soube onde parára o meu passado,  
Apenas o presente começando,  
Vi sob a foice de cruento fado.

Era nova existencia que se abria,  
A familia fizera a pura crença...  
E' tarde--produzira o scepticismo,  
Vida que se alimenta em treva intensa.

Porto Alegre, Fevereiro de 1869.

*Appollinario Porto Alegre.*



## DUAS VIRGÊNS.

São dois typos desiguaes,  
Nem um d'elles tem rivaes,  
Tão lindos não vi, não ha !  
São dois anjos sobre a terra,  
Deus n'este mundo as encerra  
P'ra mostrar o que é de lá !

Uma — é morena e louçã,  
E' corada qual romã,  
Travessa qual colibri;  
Seus olhos negros. Senhor,  
Oh ! revelão tanto amor  
Que por elles me perdi !

Quando em seus labios diviso  
Esse innocente sorriso  
Que somente os anjos têm;  
Quando um olhar seu traquino,  
Qual borboleta sem tino  
Nos meus olhos pousar vem :

Fico mudo,—o pensamento  
Desvaira n'esse momento,  
Sonhando tanta magia !...  
No sonho — murmuro — é bella !  
O seu olhar tem da estrella  
Divo brilho que inebria !

A outra, a outra, meu Deus,  
E' vossa filha, é dos ceus,  
Nem sonhal-a, menos vel-a !  
Mas agora — já perdi-me,  
Soffrer por ella é sublime,  
Viverei tambem por ella !

Que linda ! N'aquella face  
Pallida e triste—fugace  
Brilha o raio da esperança...  
Que lyrio, que sensitiva !...  
Não sei por que pensativa  
Traz a fronte essa criança !

Uma—é a flôr pura e meiga  
Lá na penumbra da veiga  
Mil perfumes reçumando;  
A outra—é flôr orgulhosa,  
E' mais altiva que a rosa  
Nos jardins sempre imperando.

Uma—é o lago dormente,  
E' como a brisa indolente  
Que na folhagem murmura;  
A outra—não, é o regato,  
Que na esmeralda do matto  
Endechas d'amor sussurra l...

Uma—é a lua fagueira,  
Em noite bella, faceira  
N'oceano se mirando;  
A outra—é o sol fulgurante,  
Com seu brilhar dardejante  
A meiga lua offuscando.

Uma—é a malva-maçã !  
E' como a casta aldeã,  
E' como o niveo jasmim;  
A outra—altiva e ufana,  
E' a orgulhosa sultana  
Reclinada no coxim.

Ambas são bellas, meu Deus,  
Ambas são filhas dos céus,  
Eu por ellas me perdi !  
São dois typos desiguaes,  
São dois anjos sem rivaes,  
Tão lindos não ha, não vi !

Porto Alegre, 1869.

*H. R. A. e S.*



# A' Memoria do barão do Triumpho.

Silencio !... o anjo da morte alli campêa.....  
Uma humana hecatombe alli cahida,  
Vê se ao ferro cruel do fraticida,  
Do assassino feróz de uma nação !  
E'um povo inteiro rastejando em sangte,  
Hirt. s cadaveres que a planicie alastrão,  
Desoladas familias que se affastão.  
E um exercito que entra em Assumpção !

Silencio !... o anjo da morte alli perpassa...  
Féro socio do archanjo da victoria,  
Solidario em suas lides, em sua gloria,  
Não dá tregoa ao soldado em plena paz.  
Eil-o... véla de um bravo a cabeceira.  
Lugubre traz a face descarnada,  
Mas temendo empunhar a lança, a espada,  
A perfidia por arma occulta traz.

Silencio !... o anjo da morte alli se afana....  
Aquelle que entre o fumo das metralhas,  
Ao horrisono som de mil batalhas,  
Costumou sempre incolume vencer.  
Andrade Neves ! a temivel lança  
Que o Rio Grande do Sul na pugna alçava,  
Apeou do ginete que montava  
Para ao leito da dôr feral descer !

Já a noite—galgando o throno d'ebano,  
A' expandir-se no azul. docel dos ares,  
Medonha sobre a terra, além nos mares,  
O seu sceptro de chumbo então baixou.  
Da cidade vencida nas ameias,  
—Satisfeito leão que agita a juba—  
Soberbo o vencedor embóca a tuba,  
Brada silencio ! e o signal sôu.

Silencio ! escuridão ! oh ! paz solemne !  
Filhos augustos da enluctada noite,  
Do Pampeiro que fôge ao frio açoite  
Nem balouça uma folha o devezal;  
A natureza inteira em paz dormita,  
Pausa faz do universo o movimento,  
Propheticô repouso ! atróz momento !  
Negra imagem da morte ! ocio fatal !



Ao ouvir da trombeta o som agudo,  
Esse som que elle á frente de seus guardas,  
Ao sibilo infernal de mil bombardas,  
Sempre foi o terror do indio feróz,  
—O heróe sentiu calar-lhe o imo d'alma,  
Não ao echo fugaz que o bronze vibra,  
Mas qual se a retinir de fibra em fibra,  
Do archanjo do juizo ouviu a vóz.

Este signal parece então dizer-lhe :  
Que é preciso deixar esta existencia,  
Erguer-se, ir partilhar de *uma* outra essencia,  
No Empyreo perennal de *immensos* céos;  
E da margem estreita *d'esta* vida,  
O guerreiro olha além —lê no futuro—  
Um horisonte azul, limpido e puro,  
A eternidade vê— contempla um Deus !

Do seu leito—ao redor—duros soldados  
Que mil vezes sorrindo a morte olharão,  
Seus amigos fieis, então chorarão  
Ao ver dos olhos á fugir-lhe a luz !  
E elle inclinou a fronte magestosa !...  
Ai !.. se lhe extingue a vóz... fôge a penumbra...  
E' um brilhante clarão que se deslumbra,  
Christão que a ultima vez abraça a cruz.

Silencio !... o anjo da morte alli sorriu-se...  
Foi um corpo que terra á terra volta,  
Livre uma alma sublime n'elle envolta,  
Sopro que é do Senhor ido ao Senhor !  
E' que a vida deixou Andrade Neves !  
Morreu um lidador, nobre, guerreiro,  
Heróe libertador de um povo inteiro,  
Epopeia dos seus,—luz do valor.

Morreu !... assim tambem esse gigante  
Que ha pouco assombra a Europa com seus feitos,  
Esse audaz redemptor de reis desfeitos  
Que thronos prostra ao acenar da mão,  
Colosso immenso—no Oceano erguido  
Que subito abateu—do leito fundo,  
Como elle ca hiu — pasmando o mundo,  
Como elle baq ueou—Napoleão !

Oh ! morte !—ô ti rainha soberana  
De tudo que é da terra,—(altos mysterios)  
Compete aniquilar nações, imperios  
Da vida, a propria luz riscar do rol !  
Morreste—astro de um seculo—mas um dia  
No cahos, na tréva sepultado, immerso,  
Esse brilhante archote do universo  
Tambem ha de morrer, sumir-se o sol !

Tromba marinha topetando as nuvens,  
E que sorvendo o mar que em ondas lasca,  
Cahe de repente ao sopro da borrasca  
Nos abysmos do Oceano á se sumir;  
Elle que tinha ha muito já transposto  
Os limites mortaes da humana sorte,  
Cahiu aos golpes da terrena morte  
C'o a eternidade o ser—à confundir.

Ah ! que a morte é lição — cheia de vida,  
(Vã palavra onde existe felicidade ?)  
Que é d'aquella imponente magestade  
D'esse braço invencivel que hontem foi ?  
—Morreu !... quebrou-se, envolvero de barro—  
Desvaneceu-se uma illusão mundana,  
Cinza perdida na hecatombe humana,  
Sombra lembrada no chamar-se heróe !....

Morreu !... mas como o sol que em seu occaso  
Espalhando no espaço a humilde sombra,  
Os campos escurece e o valle alfombra  
De rorido rocio—de almo verdor,  
Ao passo que nas grimpas de altas torres,  
Pelo cimo dos montes que transvia,  
A noite assoberbando—a luz do dia  
Espadana fulgente de esplendor;

Tal o heróe impavido e tranquillo,  
No derradeiro instante de sua vida,  
Por entre o extremo adeus da despedida,  
Como o final lampejo do astro rei,  
Ergue a fronte serena além da morte  
E parecizer : « é cedo ainda  
« Nos céos irei gozar de vida infinda  
No mundo a gloria sou—não morrerei ! ! !

Porto Alegre 16 de Junho de 1869.

*Francisco Antunes Ferreira da Luz.*



# A FELIZ DA CUNHA.

Só dupla magestade, apenas duas,  
Me fazem amerger a fronte altiva ;  
A do Deus que modela a voz do genio,  
A do genio que Deus em cantos verte.  
*Appollinario P. Alegre.*

Era um genio—morreu ! Porém, que importa,  
Se inda d'elle a lembrança não é morta  
    Em nossos corações ?  
Nem póde o tempo destruir o nome  
D'aquelle que conquista alto renome  
    Entre mil ovações !

Na frente tinha as laureas de poeta  
Na frente tinha o sello de propheta,  
    De moderno Messias ;  
Sua lyra cantava a divindade,  
E em seus labios a voz da liberdade  
    Jorrava melodias !

Dupla corôa a fronte lhe cingia ! . . .  
Poeta—se um terno cantico tangia,  
    Lagrimas arrancava ;  
Tribuno—sua voz sempre eloquente  
Lampejos de uma vocação ardente  
    O povo dominava.

A estrella teve que aclarou os Fabios,  
E a inspiração de Deus á flôr dos labios  
    Para um povo remir ;  
Como Christo tambem teve um calvario,  
Buscou da morte o lurido sudario,  
    E morreu a sorrir . . .

Já não existe ! . . . Não ! ainda vive,  
Como a phenix de Homero elle revive  
    Da funda eternidade.  
E ao banquete das letras hoje assiste  
Porque sua doutrina ainda existe  
    No seio da mocidade.

Na romagem parára. Agudo espinho  
As plantas lhe ferira no caminho,  
Era a morte que vinha,  
Oscular sua face enlanguecida,  
Roubar-lhe o flaccido clarão de vida  
Que seu corpo continha.

Expirou. E' destino de quem sente  
Pulsar no peito o coração vehemente,  
E o craneo em febre ardendo ;  
— Romeiro de uma crença tão sagrada  
Cahi exangueem meio da jornada,  
Mas crente até morrendo.

Mas hoje a geração que se levanta  
Balbucia a doutrina sacrosanta  
Que deu-lhe a eternida te ;  
E a passos firmes segue n'esse trilhão,  
Onde agora reluz inda seu brilho  
Nas dôres da saudade.

Era um genio, morreu ! Porém, q' importa,  
Se inda d'elle a lembrança não é morta  
Em nossos corações ?  
Nem pôde o tempo deslustrar-lhe a gloria,  
Se o seu nome recorda em nossa historia  
Dois brilhantes padrões.

*Achylles Porto Alegre.*





# POESIA

**Recitada na sessão solemne do 1.º anniversario do Parthenon Literario.**

Quem é esse homem, que de frente erguida,  
Coberto de honras, caminhando vai,  
Sem que dos pobres o compunção supplicas,  
Nem dos que soffrem o commova o ai?!

E' o opulento, que, com mãos avaras  
Alta riqueza accumulou em si,  
E recostado em seus doces brilhantes,  
Folga no vicio, e da virtude ri!

E o mundo passa cortejando o monstro,  
Que gosa o fructo das mercês reaes;  
Ninguem se atreve arremessar-lhe ás faces  
Esses sarcasmos que elle atira aos mais.

E assim seguindo na infamante arena  
Fruindo o goso que a fortuna tem;  
Quem é que ousado á reprimir-lhe os vãos  
D'essas torpesas se atreveu?... Ninguem!

Quem é esse outro, que caminha humilde  
Curvado ao peso d'um pungir fatal,  
Que praticando perennas virtudes  
Torna-se o alvo do desdem geral?!

E' o talentoso, que d'um nobre affecto  
Sentindo o sangue refter nas veias,  
Traz n'alma o facho da moral acceso,  
Na mente um fóco de eternaes idéas!

Eil-o que chega, desviai, ó turbas,  
Deixai passar o colossal cantor!  
Que traz na idéa a redempção dos homens,  
Que traz nos labios a expressão d'amor!

Mas que?! O povo desdenhou, sorriu-se  
De acres verdades que o cantor soltou!  
E' esse o premio que doaes ao genio,  
Que a vossa patria tanta vez honrou?

Tambem o Christo que espargiu no mundo  
Raios brilhantes de infinita luz,  
Teve por paga a ingratição do povo,  
Subindo ao Golgotha expirou na cruz!

Miseria humana ! Enquanto os homens ricos  
Altos palacios construindo vão;  
Camões á mingua n'uma enxerga expira,  
E Lamartine mendigou o pão !!

Isso que importa ? O opulento morre  
Com elle o nome á sepultura vai,  
Sem ter um ente que na hora extrema  
Lhe enxugue o pranto, murmurando um ai.

Porém, o genio que passou no mundo  
Vulto titaneo praticando o bem;  
Na voz da fama em que se alteia agosto,  
Zomba da morte, remontando além !!

Avante pois, ó mocidade altiva,  
Os vossos nomes libertai do nada;  
Que n'essa historia que atravessa os tempos  
Tereis o premio da feliz jornada.

Que importa o oiro, distincções compradas !  
Doirado prisma d'illusoria esperanza !  
De mais quilate, mais valor que o oiro  
São essas palmas que o talento alcança !

Eia, mancebos, abraçando as letras  
Que dão ao mundo a verdadeira luz;  
Tereis o premio, partilhando as glorias  
Do homem martyr que expirou na cruz !

18 de Junho de 1869.

*Nicoláo Vicente.*



# A FACA D'UM VALLEIRO.

*Prolegômenos Porto Alegre*

— Eu te amo, Amelia, Deus o sabe. . . .

— Mas não partirás, dizia uma linda moça, travando-lhe das mãos; se souberes, Jacinio, como soffro em tua ausencia!

Como meu olhar se fita triste n'aquelle morro, em que dizes ficar tua tenda! . . .  
Jura-me que não partirás. . . .

— E' impossivel, Amelia, impossivel! Eu tenho deveres. . . . O que não diria Bento Gonsalves, meu benfeitor, meu amigo, meu irmão d'armas, se me visse desertar do campo?! E repelia com a voz saturada de soluços:

— E' impossivel, Amelia.

Pelas faces animadas da gentil morena corrião dois fios de finas perolas; seus olhos n'um cendal de lagrimas derramavão toda a ternura, todo o amor que no coração continha. Mas sua magoa tinha tal sello de serenidade, que simulava antes uma d'essas auroras de verão aspergendo nos ares raios de sol e gotas de chuva do que uma tempestade real.

Ha naturezas cinzeladas pelo céu, que não se contorcem em horriveis crispacões, quando as cinge a serpe do soffrimento; pelo contrario parecem mais meigas e divinas, mais santas e puras: sahem da provança, como a salamandra do incendio: como a aventurina das mãos do lapidario.

Amelia era d'essa galeria. Tambem estreitando a cabeça do mancebo com a expressão da mais terna solicitude, dizia:

— E se morresses?!

Sua voz tremia pronunciando essas palavras, era como um suspiro quasi evaecido através da rama de um salgueiro.

— Se eu morrêra! repelia o moço parando tocado d'essa idéa e accrescentando depois:

— Não é verdade que abençoarias minha memoria? Que chorarias em minha campa?

E passava a mão pelos cabellos avelludados de sua noiva, soltos em anneis sobre a espada, e erguia-lhe a cabeça curvada sobre o peito, como o lyrio que uma rajada pendera.

— Eu cahira como um bravo, Amelia, porque n'esse transe solemne teria tua imagem no coração. . . . meu ultimo suspiro seria teu nome.

Ella beijou-o na fronte, apertou-lhe a mão com força, e em tom firme atalhou o:

— Parte, Jacinio, tens razão, ha deveres sagrados para o homem, que esquecemos, porque não os comprehendemos; as mulheres, somos umas loucas, quando levamos a exigencia até o sacrificio de uma religião.

Ao voltar-se para uma janella soltou um grito de terror, ficou como uma esttua de marmore que o luar illumina.

Davão onze horas.

N'uma das vidraças fortuitamente aberta, destacava-se um rosto pallido como a morte, terrível como a colera. Jacínio mal a vê, arranca d'uma pistola, vai lançar-se após elle, quando Amelia o retém, e a tetrica visão desaparecia.

— Parte, Jacínio, enquanto é tempo, mais alguns minutos e estás perdido!

— Eu fugir? / Nunca.

Ella cahiu-lhe aos pés :

— Parte, volta para os teus, aqui tens só inimigos. ... Vai; não queiras matar-me.

Sua voz supplicante, sua inquietação crescente commovêrão o moço, cujos brios guerreiros havião-se despertado e o predispunhão a commetter uma loucura.

— Tens razão... Eu parto.

Abraçou-a e tomou o caminho do corredor. D'ahi ainda lhe disse :

— Até quinta-feira.

— Não tornes, se me amas. . . Estás descoberto, Jacínio.

Elle entrou na rua, afagando os copos de uma espada de fina tempera, e depois barafustando por um becco sombrio foi dar na praia.

Olhou em torno, tudo estava deserto; porém, mal soltára um assobio de convenção entre elle e o barqueiro, um vulto surgiu, e ia feril-o, quando um novo personagem releve-o gritando á Jacínio :

— Ao bote, capitão; e ao largo enquanto despacho este legalista do inferno.

E o barqueiro, herculeo nas fórmas, prespegava tal murro no desconhecido que o abatia por terra.

O bote sahiu com os dois, porém, havião apenas devorado trinta braças que um relampago clareou a margem e uma centena de balas sibilou-lhes por sobre as cabeças.

Nenhuma tocava-os.

— Ao largo f... Capitão, força nos remos, senão os *Bagadris* fazem-nos alguma.... Ah! Se fôssemos mais!

— Amanhã lhês darei a resposta nas trincheiras, ajuntou indolentemente Jacínio, pensando talvez em Amelia.

## II.

Que espectáculo tocante no quarto de Amelia! Ella está de joelhos diante d'um crucifixo orando com fervor indisivel; sua alma de anjo roça os céos nas azas do amor, seus labios murmurão :

Deus e Jacínio!

Em arroubos de mysticismo, o mundo que a rodeia não a perturba, nem um só som da terra fere-lhe a concha auditiva.

Mas, unvida por dupla religião, vergada nos degrãos de dois altares : o de Christo e o do amor, quasi que identificando-os em seu coração, era bella, bella a matar de amores!

Um moço entrára, sem ser presentido.

Era o tenente Leonel.

Os dois alli semelhavão-se tanto, como duas estrellas n'uma mesma constellação, como duas flores n'uma mesma roseira.

Por algum tempo contemplou-a com um sorriso cheio de effusões paternas.

— Amelia, disse, oras pela republica ou por teu irmão?

— Ah! És tu Leonel? / Exclamou, qual se despertára d'um profundo somno.

— Já sabes?

— E' um louco!

— Que me ama, irmão, que se expõe por minha causa.



- É não censuraste seu proceder ?
- Censurei, mas censurando sentia praser em lembrar que era por mim que assim se expunha.
- Ah! Egoismo das mulheres! Sempre as mesmas!
- Escreve a Jacinio, pede-lhe que não torne.
- Também se vier, como do partido contrario não posso defendel-o sem commetter uma traição. Demais o coronel Varena vota-lhe tanto odio como a mim.
- E eu sou a causa innocente d'esse odio.
- Tu!
- Sim, porque repelli as pretensões de Varena sobre mim.
- Agora explico a perseguição que me tem movido!
- E hoje viu a Jacinio, creio que assistiu a toda a nossa entrevista.
- Seu rosto pallido e cadaverico estava collado a uma das vidraças da varanda.
- Miseravel! pronunciou Leonel e profunda reflexão absorveu-o.

### III.

Era uma quinta-feira.

A tarde descêra triste sobre a cidade de Porto Alegre. O minuano soprava da ha pouco, iracundo e gelido, como o inverno, espancando, revolvendo nos céos algumas nuvens cinereas, esfusiando pelas ruas e viellas merencorio e funebre como um memento junto às eças. O sol quasi desapparecendo no occaso lançava um olhar taciturno e desbotado sobre a terra.

Aos ululos do vento casava-se o tumulto da peleja.

Nas trincheiras erguidas na praça do Portão a lucta entre os assaltantes republicanos e os defensores da legalidade era renhida.

Chuvas de balas cobrirã -n'os, de ambos os lados por dezenas caião os justadores; mas este accidente em vez de desanimal-os, mais os acoroçoava, mais impellia-os ao desejo da victoria.

A companhia de Jacinio fazia prodigios de valor, tres vezes tendo seu chefe á frente conseguira escalar o muro, tres vezes vira-se obrigada a recuar ante forças dez vezes maiores.

Varena que defendia aquelle panno do entrincheiramento, mandára alvejar sobre o joven capitão, mas os mosquetes e as espadas respeitavão sua audacia e bizzarria.

A noite vinha cessou o assalto, apenas seguirão-se perdidos tiroteios na Varzea e nos caminhos e estradas circumvisinhas.

A's oito horas um batel silenciosamente cruzando o rio pojou para a ponta das Pedras, onde hoje está edificada a cadeia civil.

Tudo estava solitario, só o balido das ondas que se espraivão com fracasso sobre a rocha, feria o ouvido de tres homens de pé, indifferentes ao tempo, mas perscrutando o espaço.

— Não ha ninguem, disse um envolto n'um largo e comprido ponche.

— Capitão, tornou outro, o coração não me adita boa coisa...

— *Por Deos e um patacão* que hoje o não deixo! Exclamou o terceiro que era o barqueiro que já vimos uma vez.

— Raphael, ponderou o primeiro, já te disse que minhas ordens não soffrem commentarios e reflexões dos subordinados.

O barqueiro curvou a fronte, mas sua mão pousando no cano de uma espingarda e indo acariciar uma longa faca de campeiro, desmentia o signal de obediencia.

Jacinio acobertado pelas trevas, ladeiando o littoral, veio entrar na rua da Ponte. Ao longe seguirão-n'o dois homens resolutos e cautelosos. Erão Raphael o seu companheiro que transgredião as ordens do chefe.

### IV.

- Jacinio! Exclamava Amelia cahindo-lhe nos braços.
- Amelia!

E depois foram perguntas sobre perguntas antes que ouvissem a resposta da primeira.

Nos tempos de calamidades, quando dois entes que se amão extremosamente se achão em campos oppostos, ha tanto a dizer, ha tanta effusão de sentimentos nos curtos intervallos em que se toção!

— Não récebeste uma carta, Jacinio?

— Recebi, mas Leonel é uma cabeça cheia de chimeras, vê perigos onde os não ha, e demais não ama.

E deitava a fronte no collo da linda morena, tomando-lhe a mãosinha onde imprimia beijos de respeitoso amor.

— E por uma tão bella mão, proseguia elle, não vale a pena correr sobre um abysmo?

— Lisonjeiro! disse ella tocando-lhe a face com um dedo que parecia de nacar.

N'esse instante na rua ouvirão-se alguns tiros, e o estrupido de combatentes.

O moço ergueu-se, tomou as pistolas e a espada sobre uma meza.

— Jacinio, eu te prohibo... nem um passo!

E sua face perdera a inflorescencia do pudor, as lindas rosas desaparecerão como se uma ventania as tivesse ceifado.

Jacinio soffria diversa modificação, tinha febre, a febre da guerra; seus olhos filtrvão ardentes scintillas, seu coração pulsava impetuoso em ondas de ansiedade.

Fôra a lucta continuava. Era Raphael e seu companheiro que morrião defendendo o capitão.

Amelia, deixa-me sahir, disse em tom supplice.

A moça poz-se entre os umbraes da porta de saida.

— Imprudente! Acudio com esse accento que encorra uma queixa, uma censura e uma supplica ao mesmo tempo.

O que podes fazer contra uma cidade inimiga, quando és só?

— Tu podes muito, Amelia! E sua mão apertava o coração, como querendo soffrear-lhe os impetos marciaes.

Só tu no mundo poderias reter na bainha lamina que não conhece outro senhor além do deus das pugnas, que vò onde ha um ferro a cruzar, e um inimigo a combater.

E de pé com o punho cerrado sobre a meza, vergou a fronte submissa.

Omphalia vencia a Hercules.

O amor encandeava o heróe que barateava a vida pela liberdade de seu paiz.

O silencio restabelecia-se na rua, mas a porta de Leonel cahia em hastilhas.

Amelia desprendeu um grito de agonia e foi cahir nos braços de seu amante, cobrindo-o com o corpo, mas elle já tinha despido a afiada lamina e punha-se em guarda.

— Amélia, agora vês, é minha honra que tenho a defender; e a affastava docemente.

Retira-te.

O coronel Varena entrou com alguns soldados.

Em seu labio poizava um sorriso de sinistro contentamento.

— Capitão, articulou elle, entregue a espada, está preso como inimigo do Estado e espião do campo contrario.

— Coronel, a minha espada livre como o minuano de nossas cochilhas não serve á tyrannia; entregal-a seria nodoal-a nas mãos de miseraveis.

E coma champa do ferro flagellou a face de Varena.

— Jacinio! murmurou uma voz espedaçada, e ouviu-se o baque d'um corpo. Era Amelia.

Depois... o retintim de golpes, algumas imprecações, o silvo de duas balas e outro corpo que media a terra. Era Jacinio.

(Continúa.)

## EMENTARIO MENSAL.

Bom tempo, bom tempo este! Tudo corre ás mil maravilhas, parece que vivemos agora!

Frio,  
Chuva,  
Sol,  
Bailes,  
Theatros,  
Litteratos,  
Critiqueiros,  
Folhetinistas

e o Parthenon que veste-se de galas, como uma noiva, para abrir de par em par as portas e dizer aos materialistas e scepticos de 68:—vinde, entrae, assisti ao banquete da mocidade crente, saudae este primeiro anniversario, que é por certo um grande triumpho para vós tambem! . . .

Bom tempo, bom tempo, sim!

Até o proprio inverno nos agrada, amamos a natureza envolvida em seus nevoeiros humidos, pallida e triste, scismadora e languida como a virgem após o delirio da walsa, n'esse cansaço que a torna mais bella, n'esse instante em que de seu collo offega nte escôa mystico perfume.

Será talvez uma excentricidade, porém, confessamos, temos mais predilecção pelo inverno que pelo verão.

Este tempo sombrio casa-se mais com o nosso humor; quando o vento zunbe pelas frastas da porta, e resmungua semelhando um velho importuno que tudo espreita, quando a chuva estala monotonamente na calçada, escorrendo vagarosa nos telhados, não sei porque sentimos impressões indefiniveis, a imaginação inspira-se, a alma vôa, paira além creando um ideal sublime, e, em quanto a natureza dorme, nós velamos folheando as paginas perfumosas do livro do passado.

Mas deixemos o inverno que faz tanto nariz-pingar e vejamos os nossos apontamentos.

Temos material de sobra para esta gigantesca obra litteraria que chamou-se um dia *chronica* e hoje por variante cognomina-se —*Ementario*.

\* \*

O theatro S. Pedro attrahe a população inteira de Porto Alegre; a companhia conquista novos e mais viçosos louros em cada noute, e, quer brilhem as estrellas sobre as aguas azuladas do Guahyba, ou jorrem as cataractas do céu, a enchente no theatro é completa sempre, o enthusiasmo recrudesce.

A companhia estreado na *Estatua de Carne*, para nossa opinião, o mais primoroso drama do repertorio exhibido, teve tal exito, tão feliz successo, que mudou inteiramente o paladar estragado d'esta nossa platéa, que, salvo honrosas excepções, apreciava mais gostosa um salto mortal, ou uma pelotica, que um drama intimo, ou a cavatina da melhor opera.

No entanto o milagre operou-se d'esta vez, porque o gosto apura-se á olhos-vistos.

Em boa hora veio o Sr. Cabral! . . .

O nosso theatro tão em decadencia ha annos para cá, resurge como a phenix, recordando-nos o bello tempo em que Furtado Coelho e Gabriella tocárão com sublime engenho o fastigio da arte.

Se na companhia não temos um Furtado Coelho, ha no entanto um galã intel-



ligente e estudioso, um moço cheio de vontade e aptidão, que promete elevar-se á altura em que soube collocar-se aquelle.

Fallamos do Sr. Cabral Junior que tem captado a sympathia das platéas do Rio Grande.

Antonina Marquelou, que ha nove annos fizera a sua primeira aventura na senda difficil e espinhosa do artista, no palco em que hoje fascina e arrebatada, é sem contestação rival poderosa de Gabriella e Adelaide do Amaral.

Conhecemol-a do Rio tambem, ahi no Gymnasio assistimos á sua brillante estréa, na filha mimosa de Octavio Feuillet — *Dalila*.

Mas a Dalila do Gymnasio esteve tão longe da Dalila do nosso S. Pedro, como os *critiqueiros* dos criticos !

Não que Marquelou não merecesse os freneticos applausos e tantas ovações que lá tivera com merecida justiça, mas os collegas de cá não andarão bem.

O sympathico Cabralzinho meio que falseou, e Motta, no papel de Carnioli teria perdido o equilibrio se não fosse o penultimo quadro.

Assim passou quasi friamente a filha de Octavio Feuillet, a sua mimosa perola litteraria, o seu precioso trabalho dramatico ! . . .

*Quod facere ?*

Dalila não é um drama para todas as platéas.

Aqui forçosamente devia cair; falta-lhe polvora, o retím de duas laminas a resvalarem-se herculeas, os lances fortes e excitantes, essa algazarra e frioleira da *Torre em Concurso* e *Phantasma Branco*.

Barbosa — não é mister que lhe digamos — é um artista de grande merito. Tem louros de sobra e muitos louros a colher ainda.

Araujo — eis ahi um typo sympathico e expressivo ! . . .

Seu engenho artistico fal-o moldar-se a qualquer genero, e, se decorasse melhor os papeis, o talento que possui realçaria mais.

Magalhães em todos os papeis que tem exhibido é digno de louvores.

Suas *scenas-comicas* são de merito, e, segundo os jornaes da capital, breve teremos occasião de o apreciar como dramaturgo. Seu trabalho tem por titulo — *O Anjo da Resignação*.

Alfredo, Luiz Mayrink e Virissimo são noveis ainda nos segredos da arte.

Alfredo, porém, já faz muito; vê se n'elle uma vocação real e uma dedicação séria pela arte.

Luiz Mayrink, nos *Cancros Sociaes*, foi bem, na *Graça de Deus* melhor.

Maria Augusta e Maria Lima tão diversas em seus generos, rivalisam-se.

Maria Augusta — no *Anjo da meia noite* teve momentos felizes, no papel de Helena, na *Filha do Lavrador* e Amelia na *Dalila* deu mostras de um talento superior.

Maria Lima na *Estatua de Carne* faz diabruras, e é inimitavel. No entanto desapareceu da scena, e o logar que occupava na companhia difficilmente será preenchido.

A *signora* Candiani é ainda uma celebridade musical. O povo fluminense que não tinha ovações para outra cantora que não fosse ella, conserva feliz recordação da voz sublime e arrebatadora que tanto lá como aqui ainda hoje faz-se admirada.

Como artista dramatica basta o difficil papel de Clara, nas *Ophãs da Caridade*, para attestar a sublimidade do seu engenho. No ultimo acto, n'esse momento de desespero em que a mãe culpada tem de um lado a filha que traja ainda o cilicio da orphã da caridade, do outro o esposo que vae ouvir uma confissão terrivel e em face o algoz do seu passado, o seductor desuaturado, ahi n'esse lance difficil, Candiani arrebatada !

Ha tanto sentir na sua expressão, nos seus gestos, no seu olhar mareado, na sua voz cortada pelos soluços, que o coração de quem a escuta commove-se, sente déveras ! . . .

Motta, o nosso estimado e talentoso comprovinciano, não desmente que foi discipulo de João Caetano.

De uma grande vocação, a sua escola no entanto é quasi outra, tanto assim, que ás vezes contrasta com a de seus irmãos.

No papel de Conde Paulo de Santa Rosa cremos firmemente que o nosso festejado comprovinciano não encontrará quem lhe offusque de leve a gloria.

Sabemos que deixou o theatro, não de vez, porque seria lutar quem sabe se contra o destino, mas afasta-se d'elle agora.

Deixa-nos saudades, a sua auzencia será tão sentida, como a lembrança d'ella vira em nosso coração.

Apertando-lhe as mãos n'este momento, temos convicção de que o nosso publico aspira ancioso pela sua volta.

\* \*

Parbleu ! Mlle. Argeline faz proezas e conquistas, sobrenada n'um oceano de flores e perfumes, em quanto o Sr. empresario sorri de contente !

Mlle. Argeline, segundo dizem, é—franceza, ingleza, belga, suissa, irlandeza e japoneza simultaneamente !

Mlle. Argeline está no galarim da fama, é discutida em todos os circulos, nos salões e cafés, de dia e de noute, em toda a parte e a todas as horas finalmente.

Mlle. Argeline, segredou-nos ao ouvido um animalejo que assistia boquiaberto á sua estrêa :

— *Voilà une belle étoile alcassarine !* Admire aquelle par de olhos, admiravel estampa ! aquella voz argentina vale bem um dithyrambo, uma ecloga de Virgilio, uma ode pindarica ! . . .

Outro animal jo, que falla em Euripedes e Mephistophetes, como um critiqueiro genuino, resmungua entre dentes :

— Veja como pisa mal, que falta de mimica e graça, que pés e que boca ! . . .

Mlle. não passará de uma pessima alcazarina ! . . .  
N'este solemne momento Mlle. Argeline solta com tal furor uma pernada, que parecia ter-se deslocado ! A platêa rompe em estrepitosas palmas, os adoradores do bom gosto e da arte estrebuxão de entusiasmo e Mlle. Argeline agradecida mostra que estudou gymnastica no pathetico e suprehendente quadro final !

Se nos perguntassem agora o que pensamos de Mlle. Argeline respnderiamos : N'outra parte a applaudiríamos ; em S. Pedro — não.

\* \*

*Y Juca-Pirama*— é um drama lyrico em 2 quadros, segundo denominou o seu autor Sr. José Bernardino dos Santos.

Não foi por certo um triumpho litterario o novo trabalho do nosso amigo e collega N'esse commettimento de medir-se com o primeiro poeta brasileiro, talvez, o Sr. Bernardino dos Santos não calculou o perigo imminente que o ameaçava.

No entanto é preciso confessar que ha imaginação nos seus versos, pensamentos de quilate, porém, nem sempre esse rythmo, essa cadencia divina a escoar se de todos os cantos de Gonçalves Dias. Notamos ainda falta de enredo na sua composição. O amor, que é sempre um assumpto inexgotavel, foi esquecido ; a mulher, a companheira do homem, porque não havia de encontrar o pobre *Y. Juca Pirama*, n'aquellas suas horas de tanto infortunio e desalento ?

Repetimos, não obteve um triumpho litterario o nosso distincto collega, mas deu-nos mais uma prova do vigoroso talento que possui e da bella imaginação que o laurêa

Dizem-nos que acaba de compôr um drama, e não leve a mal a reflexão de quem precisa mais de um censor do que o collega, e os procura sem o menor escrúpulo.

Se tenciona publicar o novo fructo de suas locubrações, não faça com a mesma precipitação que tem tido.

Estudar e não desvanecer deve ser a nossa legenda : estude o collega com perseverança e fé comó até agora, mas aceite sempre os conselhos de quem lh'os póde dar e ria como eu dos critiqueiros, d'essa *nuvem de mosquitos* que zumba por ahi, na phirase de C. C. Branco .



O nosso amigo Sr. Aurelio de Bittencourt, no seu Ementario, annuncion com esse jubilo de que possue-se sempre e lhe é tão louvavel e natural quando falla nos trabalhos de seus collegas, o proximo apparecimento de um novo dramado Sr. Appollinario Porto Alegre, que tem por titulo — *Filhos da Desgraça*.

Appollinario Porto Alegre se não é já uma reputação feita, é sem duvida uma das maiores esperanças da provincia, uma intelligencia superior, e uma illustração de quilate.

Sem revestir se d'essa modestia apparente, ou orgulho excessivo que enverniza os charlatães, elle traz na fronte larga o sello das vigalias, e a ruga de quem se afana no labor da sciencia, interrogando a si proprio por que tanta sede, tanto calor a requeimar-lhe dentro, se tão mal compensação aqui as letras ! . . .

No entanto Appollinario prosegue incessante, elle anima seus collegas, seus conselhos são ouvidos e seu corpo às vezes parece dobrar-se á falta de seiva, o seu espirito redobra de enthusiasmo, e a sua imaginação inexaurivel desenha-nos — *A Flôr de Laranja, Gracina, Os Palmares, Cham e Japhet, Sensitiva e Filhos da Desgraça* !

E tudo isto, além de um volume de poesias inéditas, e um drama escripto de collaboração com o Sr. Menezes Paredes, tem o Sr. Appollinario feito em curto espaço de tempo, sem alarde, mas com a nobre modestia que o caracteriza

Porém, o nosso fim não é discutir o vigoroso talento do nosso amigo, nem tercer-lhe aqui laudatorios, que não os precisa de nós ; mas trazer á tela aconhada de uma *Chronica* um facto que causou-nos verdadeira surpresa.

*Filhos da Desgraça*, que é a sua ultima composição dramatica, teria ido á scena se a approvação official a tivesse honrado, como fizera com *Cham e Japhet*.

E porque a policia tão indulgente com outros dramas que se tem representado agora em nosso theatro, onde palavras por demais licenciosas são ouvidas, negou — o seu beneplacito á producção do Sr. Porto Alegre ? . . .

Porque a policia consentindo na desenvoltura e despejo de uma *grisette*, que applaudiriamos n'outro palco e não sob o proscenio do S. Pedro, recusára o seu visto ?

Se o theatro é uma escola, se elle tende a moralisar o povo, como o dramaturgo a descartar os cancores da sociedade, *Filhos da Desgraça* prima pela these, cujo ponto primordial é mostrar o contacto pernicioso e tão abusado entre nós dos escravos com pessoas de uma familia.

Condemnar assim um trabalho ao ostracismo, que deveria ter um feliz successo, deve ser doloroso ao autor, como foi surprehendente á todos aquelles que lerão o drama, o acto da policia.

Houve despotismo ou falta de reflexão ? . . .

A provincia do Rio Grande acaba de perder dois filhos dilectos ; o paiz uma realza na pessoa do Dr. João Jacintho de Mendonça, e uma grande esperança nas 20 primaveras de João Baptista Blingini . . . Parece que uma fatalidade pesa sobre nós ! . . . Em poucos annos vimos cahir um a um Pedro Chaves, João Vespucio, Dr. Amaro, Felix da Cunha, Macedo e Barcellos, e quasi ao mesmo tempo Canabarro, Netto, Valença, Tristão Pinto, Andrade Neves e tantos outros predestinados vultos heroicos ! . . .

O Dr. João Jacintho de Mendonça falleceu na côrte — mas Blingini, nem ao menos sob o céu de seu paiz ! . . . Savona foi o seu tumulo, ahi descança perto do berço de seu paiz.

Na sua ultima carta assim exprimia-se elle : « não é só a molestia, é a saudade da patria !

« A patria e a familia é o que me falta ! »

A congregação dos lentes honrou a sua memoria erigindo-lhe um tumulo, resta agora á provincia não esquecer nunca o seu nome, como o Brasil não pôde olvidar o patriotico e eloquente tribuno Dr. Mendonça.

*Mulher e mãe* é o titulo de um drama em 5 actos do Sr. Eudoro Berlink.

Com quanto nada conheçamos d'este trabalho, dizem-nos pessoas habilitadas que é primoroso e de um grande effeito theatral. O Sr. Eudoro Berlink, que, como litterato tem uma bella reputação, n'estes ultimos tempos desapparecêra da senda da litteratura, não porque sua imaginação se exaurisse, porém, a penna do litterato trocára-sepela do jornalista e n'esse campo duplamente espinhoso e cheio de contrariedades, elle soube collocar-se á par dos primeiros vultos da imprensa diaria.

Certos de que seu novo trabalho terá um grande successo, nós o saudamos mais uma vez, deixando a apreciação d'elle ao redactor do seguinte mez Sr. Vasco de Araujo e Silva.

Um novo órgão do partido liberal acaba de apparecer com o titulo — *Reforma*.

Tendo á sua frente distinctos collaboradores, intelligencias firmadas, elle propõe-se a seguir os passos brilhantes que a *Reforma* da côrte tem dado, para o engrandecimento do paiz, como tem feito o *Correio do Sul*

Muito promete a *Reforma*; não ha ali essa leitura que amenisa, mas um estudo sério em cada pagina, lições edificantes de uma doutrina legitima e verdadeira.

Saudando com enthusiasmo o seu apparecimento, desejamos ao novo órgão do partido liberal uma marcha progressiva e aos seus collaboradores — as palmas do futuro, e muito animo e coragem no presente.

Antes de fallarmos na festa do Parthenon, que será o fecho d'este Ementario, não podemos furtar-nos á tentação de estamparmos aqui o fructo de uma bella intelligencia, a feliz inspiração que revelão as 5 estrophes seguintes :

### Porque és triste ?

Diz-me tu oh ! casta pomba,  
Porque sendo moça e bella;  
Teu olhar todo meiguices  
A tristeza só revela ?...

Tu não vês nos labios d'outras  
Adejar constante o riso ?  
D'onde vem pois a amargura  
Que eu em ti sempre diviso ?

No prado em que a rosa nasce,  
O lyrio nasce tambem;  
Diz : porque não tem o lyrio  
As côres que a rosa tem ?...

Ambas tendo a mesma seiva,  
Ambas tendo um só calor...  
Quem o lyrio assim faz triste,  
Dando á rosa a rubra côr ?

Se outras são sempre a alegria,  
Eu serei sempre a tristeza;  
Sou o lyrio—ellas a rosa...  
Ambas tem sua belleza.

Versos simples, mas exuberando delicioso perfume.

Sabe agora o leitor de quem são elles ?... Releu e gostou forçosamente d'aquelle *Mundo de amor*; pois saiba que este é o mesmo poeta, o Sr. Manoel Gonçalves Junior, que não temos o prazer de conhecer pessoalmente, mas que apreciamos muito e festejaremos sempre como inspirado cantor.

\*  
\* \*

Fallemos agora do Parthenon.

Quando uma idéa domina um povo, boa ou má ella vingá, cedo ou tarde ella apparece: a revolução agita-se, recrudesce, avulta dia por dia, e quando menos se espera—a luz espanca as trevas ou vice-versa; a harmonia torna-se um cahos.

Eis porque o Parthenon Litterario existe.

18 de Junho de 68 foi uma data symbolica!

N'esse dia raiou a aurora brilhante, que, illuminando o modesto templo consagrado ás letras e á sciencia, queimava tambem as frentes da mocidade crente, dos iniciadores de uma grande idéa!

18 de Junho foi uma phase brilhante para aquelles que sonhando o *bello* em suas formas multiplices, sentião no entanto a frente ensombrada pelo véo do desanimo, porque a mão do indifferentismo manietava-lhes o impulso, o gelo do sarcasmo s'apeava-lhes os vãos projectados.

Mas não ha barreiras que se antepõem á mocidade, quando ella quer, porquanto ella póde sempre!

Travada a lucta—a idéa triumphá—a mocidade não receia!... Não ha jungil-a aos ferros; alastre-se embora de victimas o estadio, novos arautos surgirão, cairão os primeiros, mas os ultimos ficarão de pé, saudando a victoria!

Assim foi, o cansaço era demais, o esforço quasi superior ás nossas forças, porém, a acção operou-se segundo nossa vontade.

Hoje—a idéa é um acontecimento, o mytho uma realidade!

O Parthenon festejando o seu primeiro anniversario, que teve logar no vasto salão da Soirée Porto Alegrense, no dia 19 do corrente, sentia-se ufano e com razão.

A mocidade de 68 lá estava, porém mais forte em numero e intelligencias.

As duas alas de cadeiras que se estendião ao longo do salão, eram duas fileiras de bravos.

As intelligencias amadurecidas sorrião de contentamento ao ver a pleiade brilhante no posto de honra e com a palavra ungida de fé nos labios.

Numeroso era o concurso; distinctas Sras. e cavalheiros esperavão anciosos a abertura da sessão.

Às 8 1/2 horas estrugirão os foguetes annunciando a presença de S. Ex. o Sr. Dr. presidente da provincia e sua Exm.<sup>a</sup> familia, e ás 9 o Sr. Dr. Caldre e Fião, presidente honorario, inaugurou a sessão pronunciando um breve discurso.

Orarão em seguida os oradores da sociedade Srs Affonso Marques e Carlos Barrão, mostrando em eloquentes palavras o desenvolvimento da mesma durante o anno que findava.

Seguirão-se os discursos pronunciados pelos Srs. socios: José Bernardino dos Santos, Aurelio Virissimo de Bittencourt, Vasco de Araujo e Silva, Victorino J. dos Santos Azevedo, Arthur de Lara Ulrich, Appollinario Porto Alegre e Manoel Ribeiro de Andrade e Silva.

Recitarão poesias os Srs.: Achylles Porto Alegre, Antunes da Luz, Nicolau Vicente Pereira e Hilario Ribeiro de A. e Silva.

Às 11 horas concluida a sessão, começou o baile, que prolongou-se até as 4 da manhã.

Caminhe o Parthenon Litterario; para chegar ao seu fim precisa andar muito ainda. O anno de luctas que passou foi uma promessa, os annos vindouros attestarão um futuro brilhante, se os obreiros incansaveis até hoje, não recuarem ante a magestade da empreza.

Creemos firmemente que assim não acontecerá, porquanto a mocidade não estaciona nunca; trabalhando—quer; querendo—vence!

Consideremos sempre como Aristoteles:—Que a sciencia tem raizes amargas, porém, doces fructos.

*Hilario Ribeiro A. e Silva.*